

Natália Lampert Batista  
Tascieli Feltrin  
Maurício Rizzatti  
(Organizadores)

# Formação, Prática e Pesquisa em Educação 3



**Natália Lampert Batista**  
**Tascieli Feltrin**  
**Maurício Rizzatti**  
(Organizadores)

# **Formação, Prática e Pesquisa em Educação 3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F723	Formação, prática e pesquisa em educação 3 [recurso eletrônico] / Organizadores Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Maurício Rizzatti. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Formação, Prática e Pesquisa em Educação; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-592-1 DOI 10.22533/at.ed.921190309  1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Batista, Natália Lampert. II. Feltrin, Tascieli. III. Rizzatti, Maurício. IV. Série.  CDD 370.71
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra **Formação, Prática e Pesquisa em Educação** apresenta um apanhado da produção à nível superior da área da Educação no Brasil, contemplando as três esferas: a formativa através de relatos que percorrem os processos formativos, relacionada ao ensino e às teorias da aprendizagem; a prática com destaque para as iniciativas extensionista e de inserção escolar e por último, mas não menos importante, a da pesquisa apresentando as temáticas que têm movimentado a produção científica e intelectual do ensino superior brasileiro na área educacional. A qual apresento brevemente a seguir.

O capítulo “A Alfabetização de Crianças Autistas” de autoria de Fabiana Boff Grenzel apresenta uma reflexão acerca de crianças autistas na alfabetização, enfatizando a necessidade de se criar estratégias para facilitar a aprendizagem destes educandos. “A Construção da Escrita Pré-Silábica e suas Implicações na Perspectiva da Psicogênese da Língua Escrita: Um Breve Estudo de Caso”, das autoras Telma Maria de Freitas Araújo, Nadja Sabrina Silva Gomes Lopes Duarte e Maria Estela Costa Holanda Campelo apresenta, segundo as autoras, uma *Sondagem de Escritas*, através da qual é realizada uma análise da produção escrita de uma criança, a partir da teoria da psicogênese da língua escrita.

“A Evasão como Subsídio para a Avaliação Institucional: Um Estudo de Caso com Cursos de Engenharia em uma Universidade Pública”, de Joice Pereira da Silva Carvalho, Simone Portella Teixeira de Mello e Daniela Vieira Amaral concentra seu olhar na evasão escolar no ensino superior enquanto fenômeno capaz de subsidiar uma avaliação institucional. Marcos Gonzaga e Regina Magna Bonifácio de Araújo, por sua vez, apresentam uma síntese das características fundamentais da pesquisa qualitativa, com destaque para a História Oral no capítulo “A História Oral na Produção Acadêmica: Três Leituras Metodológicas”

Em “A Motivação no Processo de Ensino/Aprendizagem de Francês no Curso de Secretariado Executivo da UEM: Entendimento e Desafios”, Edson José Gomes intenciona identificar quais são os principais entraves a um desempenho satisfatório no processo de ensino/aprendizagem do francês como língua estrangeira no curso de SET. As autoras Rayuska Dayelly de Andrade e Sueldes de Araújo discutem a concepção de escola inclusiva em uma análise do município de Angicos no Rio Grande do Norte para o atendimento de uma aluna surda em “A Percepção de Professore(a)s sobre a Prática Pedagógica no Contexto Inclusivo.

Já Andressa Grazielle Brandt, **Nadja Regina Sousa Magalhães**, Aline Aparecida Cezar Costa e Luciana Gelsleuchter Lohn apresentam algumas reflexões sobre o campo da etnografia a partir de um estudo sobre a pesquisa etnográfica com crianças, em seu capítulo “Pesquisa Etnográfica com Crianças Pequenas: Aproximações Teórico-Metodológicas.

No capítulo “A Qualidade no Ensino à Distância: o Novo Aluno e o Novo Professor”



Jéssica Reis Silvano Barbosa e Gislaine Reis elaboram uma reflexão sobre a expansão do ensino à distância e analisam as mudanças advindas dessa expansão para o ramo da educação virtual. Já os autores Karla dos Santos Guterres Alves e Antônio Luiz Santana objetivam compreender a relação entre a Grounded Theory e o processo de reflexividade que envolve a pesquisa científica em seu capítulo “A Reflexividade na Grounded Theory”. Na sequência, Raimundo Ribeiro Passos, Afrânio Ferreira Neves Junior, Paulo Rogério da Costa Couceiro, Genoveva Chagas de Azevedo, Maria Marly de Oliveira Coêlho e Valdete da Luz Carneiro através de “Análise do Instrumento de Autoavaliação Institucional Utilizado na UFAM nos Anos de 2014 e 2015” realizam uma análise dos instrumentos utilizados pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) da Universidade Federal do Amazonas, e a verificação de sua evolução no processo avaliativo interno de 2014 e 2015.

Na perspectiva dos planejamento de sistemas universitários estaduais brasileiros, Nelson De Abreu Júnior Apresenta “Aspectos Socioeconômicos na Espacialização da Universidade Estadual de Goiás”, capítulo no qual se encontra uma pesquisa documental combinada com a análise de dados estatísticos acerca da educação superior pública estadual em Goiás. Tendo por objetivo apresentar e discutir a temática da avaliação da aprendizagem na área da Educação Física escolar, e apontar suas relações com os currículos Alessandra Andrea Monteiro e Vilma Lení Nista-Piccolo são as autoras de: “Avaliação da Aprendizagem na Educação Física Escolar na Rede Municipal de São Paulo e Paulo Freire: Aproximações e Distanciamentos”. Nesse sentido também, Andreia Gasparino Fernandes avalia através de uma revisão temática a problemática da garantia de vagas em creches públicas municipais do município de São José do Rio Preto frente à legislação educacional vigente em “Avaliação da Política de Oferta de Vagas em Creches na Rede Pública Municipal de Ensino de São José do Rio Preto”.

Sob a ótica da organização das diretrizes operacionais de ensino Alderita Almeida de Castro e Sueli Aparecida de Souza refletem sobre a implementação da avaliação das aprendizagens enquanto impulsionadora do processo do conhecimento na educação básica do Estado de Goiás, entre os anos de 2009 e 2014 no capítulo “Avaliação das Aprendizagens: a Significativa Ascensão do IDEB nas escolas do Estado de Goiás do ano de 2009 a 2014”. Tendo em vista a Avaliação Internacional de Estudantes (PISA) Glauco da Silva Aguiar e Ligia Gomes Elliot exploram o conceito de Oportunidade de Aprendizagem trazido pelo PISA 2012, analisando o desempenho do Brasil e de mais 11 países em “Avaliação em Matemática: Uso dos Resultados do Pisa 2012”.

No capítulo “Avaliação: Concepções e Implicações na Educação Infantil” Natascha Carolina de Oliveira Gervázi, Marcos Vinícius Meneguel Donati e José Roberto Boettger Giardinetto desenvolvem uma reflexão sobre a avaliação na Educação Infantil, através da análise e orientação a correta utilização da ferramenta portfólio. Ainda na perspectiva avaliativa Rosemary Farias Rufino, Santana Elvira Amaral da

Rocha e **Núbia do Socorro Pinto Breves** apresentam o capítulo “Avaliações em Larga Escala: Contribuições da ADE para Atingir a Meta da Proficiência no SAEB/ INEP em Escolas Públicas Municipais de Manaus” no qual retratam a percepção dos estudantes em relação às contribuições das avaliações em larga escala no processo de ensino e aprendizagem das escolas públicas de ensino fundamental do município de Manaus.

Na sequência Andrialex William da Silva, Tarcileide Maria Costa Bezerra, Romênia Menezes Paiva Chaves Carneiro e Renata Rosa Russo Pinheiro Costa Ribeiro exibem “Concepções de Professores sobre a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva: uma Visão Romântica ou Direito à Educação?” No qual discutem as concepções dos profissionais do sistema educacional do município Jardim de Angicos (RN) sobre a Educação Especial em uma perspectiva inclusiva. Ainda na perspectiva inclusiva, o capítulo “Criatividade e Altas Habilidades/Superdotação” de Guacira Quirino Miranda, Arlete Aparecida Bertoldo e Priscila Miranda Chaves apresenta uma revisão bibliográfica sobre a relação da criatividade com as altas habilidades/superdotação. Em “Desenhos e Desenhos: Conselhos Municipais de Educação” Virgínia Coeli Bueno de Queiroz Matias e Rosimar de Fátima Oliveira analisam os elementos comuns do desenho institucional dos Conselhos Municipais de Educação (CMEs) no Brasil, como um dos fatores capazes de potencializar os esperados resultados democráticos dessas instâncias colegiadas.

A seguir Gildene do Ouro Lopes Silva, Amanda Lázari e Amanda Calefi Felex embasadas pelo modelo Oakland, Glutting E Horton realizaram a identificação dos estilos de aprendizagem em escolares do quarto ano do ensino fundamental no capítulo intitulado “Estilos de Aprendizagem no Modelo de Oakland, Glutting e Horton em Escolares do Ensino Fundamental I”. Já em “Financiamento da Educação: uma Análise a partir do Gasto Aluno-Ano nos Municípios do Paraná” Jokasta Pires Vieira Ferraz, Andrea Polena e Simony Rafaeli Quirino verificam o perfil de gasto aluno-ano dos municípios do Paraná, em 2014, em relação ao porte dos municípios. Em “Ideias Higienistas na Revista Pedagogium (1922-1923)” Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes, Arthur Beserra de Melo e Marlúcia Menezes de Paiva analisam a ocorrência de ideias higienistas na revista Pedagogium, durante os anos de 1922 e 1923.

Laura Renata Dourado Pereira em “O Ensino da Arte e a Interdisciplinaridade: Novos Modos de Pensar sobre a Produção do Conhecimento” propõe uma reflexão sobre a interdisciplinaridade como um possível caminho para superar a fragmentação do conhecimento existente. Na sequência, “O Professor como Mediador nas Habilidades de Leitura” de Clarice de Matos Oliveira e Thenner Freitas da Cunha analisa como o professor de Língua Portuguesa pode ser um facilitador no desenvolvimento das habilidades de leitura aferidas nas avaliações educacionais em larga escala. Na perspectiva do Projeto de Lei 7.180/14, Ana Carolina Fleury e Ivo Monteiro de Queiroz apresentam “O Projeto Escola Sem Partido e a Construção

de uma Educação Burguesa no Século XXI” a fim de compreender os conceitos e detectar a existência de uma relação entre a proposta, os fundamentos da educação e a perspectiva marxista. Em “Observatório Eçaí: a Aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente e outros Direitos Humanos na Fronteira Brasil-Bolívia” Cláudia Araújo de Lima sistematiza uma observação das políticas públicas voltadas à infância e à adolescência bem como investiga os fenômenos de violações de direitos de crianças e adolescentes na região da fronteira.

No capítulo “Os Desafios e as Demandas Socioculturais Brasileiras Frente à Inclusão Escolar” de Evaldo Batista Mariano Júnior, Maria Aparecida Augusto Satto Vilela e Valeska Guimarães Rezende da Cunha os autores retomam a temática das políticas públicas educacionais voltadas para a inclusão escolar com o intuito de fornecer subsídios a profissionais que atendam alunos portadores de necessidades especiais. Marcelo da Silva Machado em “Pacto Federativo na Educação e a Participação da União no Financiamento da Educação em Municípios da Região Metropolitana do Rio De Janeiro” realiza uma investigação sobre o pacto federativo e sua repercussão, entre os anos de 2008 e 2018, sobre o aumento das responsabilidades dos municípios na oferta de matrículas e, também de financiamento da educação na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

“Pedagogia Waldorf e Salutogênese: razões e caminhos no/do cotidiano escolar” de Elaine Marasca Garcia da Costa, Vilma Lení Nista-Piccolo reflete sobre a possibilidade de a área da Saúde ser edificada junto à Educação através da convergência de dois conceitos: a Salutogênese e o método pedagógico Waldorf. Na perspectiva de estabelecer um perfil do uso e descarte de óleo vegetal utilizado para o preparo de alimentos em Escolas da Rede Pública Estadual de Educação Básica de Tubarão Douglas Bardini Silveira, Eduardo Aquini e Isonel Maria Comelli Pave desenvolvem “Perfil de Descarte de Óleo de Cozinha em Escolas da Rede Pública Estadual de Educação Básica Situadas no Município de Tubarão, SC”. A fim de discutir a relação dos temas desenvolvidos na disciplina Filosofia das Ciências, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, e suas possíveis aproximações e com a pesquisa sobre objetos de estudo associados ao higienismo dentro do campo da História da Educação, Arthur Beserra de Melo, Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes e Marlúcia Menezes de Paiva fundamentam o capítulo “Relações entre Temas da Disciplina Filosofia das Ciências e a Pesquisa sobre Higienismo no Campo da História da Educação”.

No capítulo “Representações Sociais das Práticas dos Professores de Educação Física acerca da Educação Física Escolar”, Bruno Viviani dos Santos, Sabrina Araujo de Almeida e Pedro Humberto Faria Campos analisam a representação social da prática pedagógica de 103 professores de Educação Física do ensino fundamental. Em “Sistema de Avaliação Escolar”, Katia Verginia Pansani traz um Relato de Experiência sobre os resultados positivos do Sistema de Avaliação Escolar – SAEsc no Colégio Progresso Campineiro. Para proporcionar uma compreensão sobre as



políticas públicas de financiamento, tais como o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), Jhonathan Martins da Costa, Carlos José de Farias Pontes e Maria Valdiza Ferreira Moniz Andrade publicam “Um Olhar Inicial a Respeito das Políticas Públicas de Financiamento no Brasil: Compreendendo o FUNDEB”. Laís Takaesu Ernandi, Willian Pereira da Silva, Suédina Brizola Rafael Rogato no capítulo “Uso do Medicamento na Infância: Reflexões sobre a Atuação Docente no Processo da Medicalização do Ensino” buscaram discutir o processo de medicalização na infância e a necessidade de problematização dessa questão.

Os textos, relatos de prática e conclusões de pesquisas tangentes às questões educacionais que compõem esse terceiro volume da obra Formação, Prática e Pesquisa em Educação portanto operam em favor de qualificar a produção do ensino superior brasileiro e subsidiar novas pesquisas, constituindo-se assim em importante devolutiva à sociedade dos investimentos feitos com a formação de profissionais da educação e pesquisadores.

Tascieli Feltrin

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS	
<i>Fabiana Boff Grenzel</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9211903091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA PRÉ-SILÁBICA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PERSPECTIVA DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: UM BREVE ESTUDO DE CASO	
<i>Telma Maria de Freitas Araújo</i>	
<i>Nadja Sabrina Silva Gomes Lopes Duarte</i>	
<i>Maria Estela Costa Holanda Campelo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9211903092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
A EVASÃO COMO SUBSÍDIO PARA A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: UM ESTUDO DE CASO COM CURSOS DE ENGENHARIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA	
<i>Joice Pereira da Silva Carvalho</i>	
<i>Simone Portella Teixeira de Mello</i>	
<i>Daniela Vieira Amaral</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9211903093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
A HISTÓRIA ORAL NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: TRÊS LEITURAS METODOLÓGICAS	
<i>Marcos Gonzaga</i>	
<i>Regina Magna Bonifácio de Araújo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9211903094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>42</b>
A MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE FRANCÊS NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA UEM: ENTENDIMENTO E DESAFIOS	
<i>Edson José Gomes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9211903095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
A PERCEPÇÃO DE PROFESSOR(A)S SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO INCLUSIVO	
<i>Rayuska Dayelly de Andrade</i>	
<i>Sueldes de Araújo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9211903096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
A PESQUISA ETNOGRÁFICA COM CRIANÇAS PEQUENAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	
<i>Andressa Grazielle Brandt</i>	
<i>Nadja Regina Sousa Magalhães</i>	
<i>Aline Aparecida Cezar Costa</i>	

**CAPÍTULO 8 ..... 72**

**A QUALIDADE NO ENSINO À DISTÂNCIA: O NOVO ALUNO E O NOVO PROFESSOR**

*Jéssica Reis Silvano Barbosa*

*Gislaine Reis*

**DOI 10.22533/at.ed.9211903098**

**CAPÍTULO 9 ..... 80**

**A REFLEXIVIDADE NA GROUNDED THEORY**

*Karla dos Santos Guterres Alves*

*Antônio Luiz Santana*

**DOI 10.22533/at.ed.9211903099**

**CAPÍTULO 10 ..... 88**

**ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL UTILIZADO NA UFAM NOS ANOS DE 2014 E 2015**

*Raimundo Ribeiro Passos*

*Afrânio Ferreira Neves Junior*

*Paulo Rogério da Costa Couceiro*

*Genoveva Chagas de Azevedo*

*Maria Marly de Oliveira Coêlho*

*Valdete da Luz Carneiro*

**DOI 10.22533/at.ed.92119030910**

**CAPÍTULO 11 ..... 100**

**ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS NA ESPACIALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**

*Nelson de Abreu Júnior*

**DOI 10.22533/at.ed.92119030911**

**CAPÍTULO 12 ..... 109**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO E PAULO FREIRE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

*Alessandra Andrea Monteiro*

*Vilma Lení Nista-Piccolo*

**DOI 10.22533/at.ed.92119030912**

**CAPÍTULO 13 ..... 119**

**AVALIAÇÃO DA POLÍTICA DE OFERTA DE VAGAS EM CRECHES NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

*Andreia Gasparino Fernandes*

**DOI 10.22533/at.ed.92119030913**

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>130</b>
AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS: A SIGNIFICATIVA ASCENSÃO DO IDEB NAS ESCOLAS DO ESTADO DE GOIÁS DO ANO DE 2009 A 2014	
<i>Alderita Almeida de Castro</i>	
<i>Sueli Aparecida de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>141</b>
AVALIAÇÃO EM MATEMÁTICA: USO DOS RESULTADOS DO PISA 2012	
<i>Glauco da Silva Aguiar</i>	
<i>Ligía Gomes Elliot</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>154</b>
AVALIAÇÃO: CONCEPÇÕES E IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Natascha Carolina de Oliveira Gervázi</i>	
<i>Marcos Vinícius Meneguel Donati</i>	
<i>José Roberto Boettger Giardinetto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>162</b>
AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA: CONTRIBUIÇÕES DA ADE PARA ATINGIR A META DA PROFICIÊNCIA NO SAEB/INEP EM ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE MANAUS	
<i>Rosemary Farias Rufino</i>	
<i>Santana Elvira Amaral da Rocha</i>	
<i>Núbia do Socorro Pinto Breves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>174</b>
CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UMA VISÃO ROMÂNTICA OU DIREITO À EDUCAÇÃO?	
<i>Andrialex William da Silva</i>	
<i>Tarcileide Maria Costa Bezerra</i>	
<i>Romênia Menezes Paiva Chaves Carneiro</i>	
<i>Renata Rosa Russo Pinheiro Costa Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>183</b>
CRIATIVIDADE E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Guacira Quirino Miranda</i>	
<i>Arlete Aparecida Bertoldo</i>	
<i>Priscila Miranda Chaves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>191</b>
DESENHOS E DESENHOS: CONSELHOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO	
<i>Virgínia Coeli Bueno de Queiroz Matias</i>	
<i>Rosimar de Fátima Oliveira</i>	

DOI 10.22533/at.ed.92119030920

**CAPÍTULO 21 ..... 203**

ESTILOS DE APRENDIZAGEM NO MODELO DE OAKLAND, GLUTTING E HORTON EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

*Gildene do Ouro Lopes Silva*

*Amanda Lázari*

*Amanda Calefi Felex*

DOI 10.22533/at.ed.92119030921

**CAPÍTULO 22 ..... 211**

FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO GASTO ALUNO-ANO NOS MUNICÍPIOS DO PARANÁ

*Jokasta Pires Vieira Ferraz*

*Andrea Polena*

*Simony Rafaeli Quirino*

DOI 10.22533/at.ed.92119030922

**CAPÍTULO 23 ..... 224**

IDEIAS HIGIENISTAS NA REVISTA PEDAGOGIUM (1922-1923)

*Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes*

*Arthur Beserra de Melo*

*Marlúcia Menezes de Paiva*

DOI 10.22533/at.ed.92119030923

**CAPÍTULO 24 ..... 232**

O ENSINO DA ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE: NOVOS MODOS DE PENSAR SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

*Laura Renata Dourado Pereira*

DOI 10.22533/at.ed.92119030924

**CAPÍTULO 25 ..... 241**

O PROFESSOR COMO MEDIADOR NAS HABILIDADES DE LEITURA

*Clarice de Matos Oliveira*

*Thenner Freitas da Cunha*

DOI 10.22533/at.ed.92119030925

**CAPÍTULO 26 ..... 250**

O PROJETO ESCOLA SEM PARTIDO E A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO BURGUESA NO SÉCULO XXI

*Ana Carolina Fleury*

*Ivo Monteiro de Queiroz*

DOI 10.22533/at.ed.92119030926

**CAPÍTULO 27 ..... 262**

OBSERVATÓRIO EÇAÍ: A APLICAÇÃO DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE E OUTROS DIREITOS HUMANOS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

*Cláudia Araújo de Lima*



DOI 10.22533/at.ed.92119030927

**CAPÍTULO 28 ..... 271**

OS DESAFIOS E AS DEMANDAS SOCIOCULTURAIS BRASILEIRAS FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

*Evaldo Batista Mariano Júnior*

*Maria Aparecida Augusto Satto Vilela*

*Valeska Guimarães Rezende da Cunha*

DOI 10.22533/at.ed.92119030928

**CAPÍTULO 29 ..... 283**

PACTO FEDERATIVO NA EDUCAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO DA UNIÃO NO FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO EM MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

*Marcelo da Silva Machado*

DOI 10.22533/at.ed.92119030929

**CAPÍTULO 30 ..... 309**

PEDAGOGIA WALDORF E SALUTOGÊNESE: RAZÕES E CAMINHOS NO/DO COTIDIANO ESCOLAR

*Elaine Marasca Garcia da Costa*

*Vilma Lení Nista-Piccolo*

DOI 10.22533/at.ed.92119030930

**CAPÍTULO 31 ..... 323**

PERFIL DE DESCARTE DE ÓLEO DE COZINHA EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA SITUADAS NO MUNICÍPIO DE TUBARÃO, SC

*Douglas Bardini Silveira*

*Eduardo Aquini*

*Isonel Maria Comelli Pavei*

DOI 10.22533/at.ed.92119030931

**CAPÍTULO 32 ..... 331**

RELAÇÕES ENTRE TEMAS DA DISCIPLINA FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS E A PESQUISA SOBRE HIGIENISMO NO CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

*Arthur Beserra de Melo*

*Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes*

*Marlúcia Menezes de Paiva*

DOI 10.22533/at.ed.92119030932

**CAPÍTULO 33 ..... 342**

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

*Bruno Viviani dos Santos*

*Sabrina Araujo de Almeida*

*Pedro Humberto Faria Campos*

DOI 10.22533/at.ed.92119030933

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>355</b>
SISTEMA DE AVALIAÇÃO ESCOLAR	
<i>Katia Verginia Pansani</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030934</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>363</b>
UM OLHAR INICIAL A RESPEITO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE FINANCIAMENTO NO BRASIL: COMPREENDENDO O FUNDEB	
<i>Jhonathan Martins da Costa</i>	
<i>Carlos José de Farias Pontes</i>	
<i>Maria Valdiza Ferreira Moniz Andrade</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030935</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>372</b>
USO DO MEDICAMENTO NA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DA MEDICALIZAÇÃO DO ENSINO	
<i>Laís Takaesu Ernandi</i>	
<i>Willian Pereira da Silva</i>	
<i>Suédina Brizola Rafael Rogato</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030936</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>383</b>
PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO FORMATIVA NO COTIDIANO DAS SESSÕES TÓRIAS	
<i>Débora Cabral Nunes Polaz</i>	
<i>Raquel Aparecida de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030937</b>	
<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>390</b>
EDUCAÇÃO ESPECIAL EM MATO GROSSO DO SUL: INDICADORES DE MATRÍCULAS (2007-2016)	
<i>Wania Regina Aranda da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92119030938</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>416</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>417</b>

## ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL UTILIZADO NA UFAM NOS ANOS DE 2014 E 2015

### **Raimundo Ribeiro Passos**

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de  
Ciências Exatas  
Manaus – Amazonas

### **Afrânio Ferreira Neves Junior**

Universidade Federal do Amazonas, Centro de  
Ensino a Distância  
Manaus – Amazonas

### **Paulo Rogério da Costa Couceiro**

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de  
Ciências Exatas  
Manaus – Amazonas

### **Genoveva Chagas de Azevedo**

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia  
Manaus – Amazonas

### **Maria Marly de Oliveira Coêlho**

Universidade Federal do Amazonas, Faculdade  
de Educação  
Manaus – Amazonas

### **Valdete da Luz Carneiro**

Universidade Federal do Amazonas, Faculdade  
de Educação  
Manaus – Amazonas

**RESUMO:** Objetiva-se apresentar uma análise dos instrumentos utilizados pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) da Universidade Federal do Amazonas, a fim de verificar sua evolução no processo avaliativo interno de 2014 e 2015. Tem-se como proposta melhorá-

los para o ano de 2016 visando alcançar de forma mais específica a realidade de cada segmento que faz parte da Universidade Federal do Amazonas, no entendimento de que há necessidade de desenvolver uma cultura de autoavaliação para consolidar uma política de autoavaliação na UFAM. No decorrer do texto apresenta-se a evolução desses instrumentos, sempre buscando uma padronização conforme orientações do SINAES, como também atender a diversidade das realidades da comunidade universitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** UFAM, Autoavaliação Institucional, SINAES

### ANALYSIS OF THE INSTITUTIONAL SELF-EVALUATION INSTRUMENT USED IN UFAM IN THE YEARS OF 2014 AND 2015

**ABSTRACT:** The aim of this work is to present an analysis of the instruments used by the committee for assessment (CPA) of the Federal University of Amazonas (UFAM), in order to verify their evolution in the 2014 evaluation process and 2015. It aims to improve the instruments for the year 2016 aimed at achieving more specifically the reality of each segment present at the UFAM, knowing that there is need to develop a self-assessment culture to consolidate a policy in UFAM. Throughout the text, it is showed the evolution of these instruments, always seeking standardization as SINAES guidelines, as well

as meet the diversity of the realities of the university community.

**KEYWORDS:** UFAM, Institutional self-evaluation, SINAES

## 1 | INTRODUÇÃO

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) foi instituído pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004 e integra três modalidades principais de instrumentos de avaliação: i) Avaliação das Instituições de Ensino Superior – AVALIES; ii) Avaliação dos Cursos de Graduação – ACG; e iii) Avaliação do Desempenho dos Estudantes – ENADE [BRASIL 2004a].

Como um dos componentes do SINAES, a avaliação institucional está relacionada aos aspectos ligados à melhoria da qualidade da educação superior; à orientação da expansão de sua oferta; ao aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social e ao aprofundamento dos compromissos e responsabilidades sociais das instituições de educação superior, por meio da valorização de sua missão pública, da promoção dos valores democráticos, do respeito à diferença e à diversidade, da afirmação da autonomia e da identidade institucional [INEP 2016].

Nesse contexto, a autoavaliação ou avaliação interna é um processo contínuo, no qual a instituição revela informações a respeito de sua própria realidade. É uma tentativa de instrumento para aprimoramento da gestão acadêmica e administrativa, tanto das instituições quanto dos sistemas educacionais, visando a melhoria da qualidade e da sua relevância social [Belloni 2000]. Visa identificar os pontos fortes e fracos da instituição, com o objetivo de fornecer subsídios para melhoria da gestão e atender as demandas da comunidade universitária.

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) completou, em 2015, 106 anos de existência com vinte unidades acadêmicas (1 escola, 9 institutos e 10 faculdades) distribuídas em seis Campi, sendo um na capital (Manaus/AM) e cinco no interior do Estado do Amazonas (Benjamin Constant, Coari, Humaitá, Parintins e Itacoatiara). No total, oferece 114 cursos de graduação nas áreas de Ciências Exatas, Agrárias, Biológicas e Humanas, e 39 cursos de pós-graduação. Apresenta a comunidade universitária constituída por discentes de graduação (presencial e programas especiais) e pós-graduação (lato sensu e stricto sensu), técnicos administrativos e docentes efetivos, substitutos e visitantes (DE, 40 e 20 horas), perfazendo um total de 39.421 pessoas.

Com essa amplitude, a autoavaliação já era um instrumento necessário há muitos anos, mas só começou a ser implementada a partir da instalação da Comissão Permanente de Avaliação, em 14 de junho de 2004 mediante Portaria Nº 983/2004 – GR, em conformidade com a Lei nº 10.861 de 14 de abril de 2004.

Assim, há mais de uma década a CPA assumiu o trabalho e a responsabilidade

de produzir e publicar os relatórios com os resultados das consultas realizadas anualmente junto à comunidade universitária e externa que se utiliza dos serviços da UFAM. Esses relatórios têm servido de instrumentos para subsidiar os gestores nos processos de tomadas de decisão para a definição de políticas de sustentabilidade institucional (Cabral et al. (2015)). A CPA-UFAM conta com onze Comissões Setoriais de Avaliação (CSAs) distribuídas nas unidades acadêmicas, que se articulam para conduzir o processo de avaliação interna.

A avaliação interna aplicada pela CPA-UFAM tem como principais objetivos produzir conhecimentos, pôr em questão os sentidos do conjunto de atividades e finalidades cumpridas pela instituição, identificar as causas dos seus problemas e deficiências, aumentar a consciência pedagógica e capacidade profissional do corpo docente e técnico-administrativo, fortalecer as relações de cooperação entre os diversos atores institucionais, tornar mais efetiva a vinculação da instituição com a comunidade, julgar acerca da relevância científica e social de suas atividades e produtos, além de prestar contas à sociedade.

Assim, instituiu-se como estratégia criar e tornar concreta a cultura da avaliação junto aos diversos segmentos que constituem a UFAM. Para tanto, trabalhou-se na reelaboração dos instrumentos de autoavaliação para todos os segmentos da comunidade universitária, para que fossem de mais simples leitura e análise, com adaptação de questões para programas especiais (cursos na modalidade de ensino a distância - EaD, PARFOR e Formação de Professores Indígenas).

Este trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão acerca do instrumento de autoavaliação utilizado para os diversos segmentos presentes na UFAM nos anos de 2014 e 2015, problematizando a necessidade de padronização, a abrangência e a importância como fator para melhoria de qualidade dos processos avaliativos na instituição.

## 2 | METODOLOGIA

O processo da avaliação interna foi realizado a partir da consulta aos segmentos que compõem a comunidade universitária por meio de pesquisa *on-line*, com instrumentos disponibilizados na plataforma e-Campus (plataforma institucional de controle e registro acadêmico). Os segmentos foram convidados pela CPA a participar da avaliação institucional por meio de cartazes, folders, *e-mails* e chamadas no *site* da UFAM, e abordagem presencial dos membros das Comissões Setoriais de Avaliação (CSA) em cada unidade acadêmica.

A pesquisa coordenada pela CPA-UFAM demandou a produção e aprovação coletiva dos instrumentos de avaliação na forma de questionários, realizadas em reuniões ordinárias nos anos de 2014 e 2015. Contou com ajuda do Centro de Informação de Tecnologia e Comunicação da UFAM (CTIC), os quais produziram um novo *layout* para apresentação dos instrumentos no sítio da UFAM. Além disso,



fizeram o acompanhamento permanente do processo, apoiando e orientando as CSA e os usuários em geral, garantindo a participação sem a ocorrência de problemas técnicos. A pesquisa, em consonância com os ditames do SINAES, foi conduzida em termos tanto da sua finalidade construtiva e formativa, quanto de seu caráter permanente de obrigatoriedade e de envolvimento de toda a comunidade universitária.

Os instrumentos (questionários) adotados em 2014 foram os mesmos utilizados em anos anteriores, sofrendo pequenas modificações em termos da estrutura de apresentação e facilidade de inserção no e-Campus, não apresentando mudanças de conteúdo. Isto se deu principalmente porque a CPA-UFAM havia sido recentemente recomposta e não havia tempo hábil para grandes modificações sem que houvesse prejuízo ao processo. Para este o ano de 2015, tomou-se como base o instrumento adotado em 2013.

Entretanto, em 2015, os questionários foram remodelados para apresentarem melhor estrutura e entendimento, de mais fácil leitura e menos cansativo, com questões mais diretas e objetivas, além de ser incluído um questionário que contemplasse especificamente os alunos dos cursos de programas especiais (PARFOR, EaD e Licenciaturas Indígenas), que possuem especificidades não contempladas nos questionários até então utilizados. Neste remodelamento, assumiu-se que os questionários deveriam abranger todas as dimensões necessárias, com perguntas de rápido entendimento, além de apresentar facilidade na tabulação e análise dos dados, utilizados posteriormente para confecção do relatório de autoavaliação.

### **3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 A participação da comunidade universitária**

A Figura 1 mostra que nos últimos quatro anos, a participação da comunidade universitária no processo de autoavaliação institucional praticamente duplicou, passando de 1620 para 3160 participantes, o que corresponde aproximadamente 9% do total da comunidade atual.

A participação dos discentes em 2014, foi ligeiramente maior que todos os anos, o que se deveu a maior participação de alunos de programas especiais (notadamente PARFOR), que correspondeu a cerca de 50% do valor total de discentes. Entretanto, em 2015 o quantitativo é mais expressivo quanto aos alunos de cursos presenciais da sede e dos campi e uma pequena parcela de alunos da EaD. Vale ressaltar, que o aumento da participação de alunos dos programas especiais em 2014 foi devido a estratégia utilizada na avaliação, onde os questionários foram entregues diretamente aos alunos. Estratégia não utilizada em 2015, quando se optou exclusivamente pelo formato *on-line*, principalmente devido aos cortes financeiros para os programas especiais. Assim, observa-se que para uma participação mais efetiva dos alunos deve-se optar por outras estratégias, incluindo um acompanhamento com indicação da necessidade e importância do processo de avaliação interna institucional.

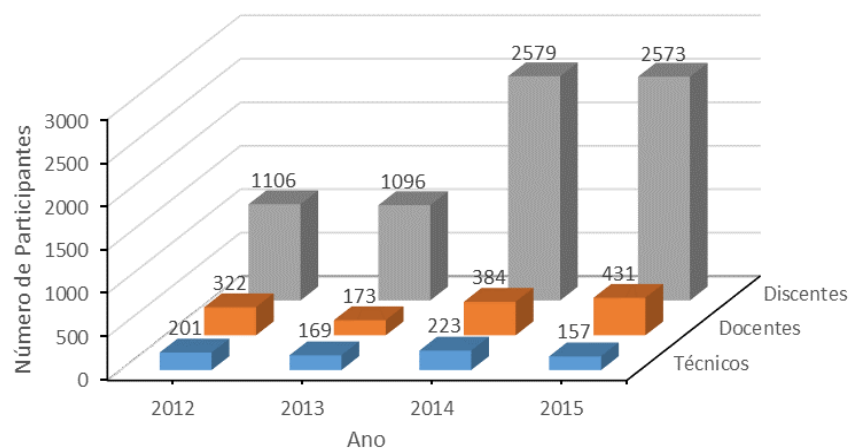


Figura 1. Número de participantes da comunidade universitária no período de 2012 a 2015.

A tendência observada para o segmento docente é a de ascensão, o que mostra que para este segmento o processo de avaliação é visto como uma etapa que deve levar a posteriores mudanças e melhorias para a instituição, conforme se inferiu dos comentários livres de vários docentes. Por outro lado, para o segmento técnico-administrativo, a participação segue com os menores índices, o que demonstra um incipiente envolvimento deste segmento com o processo avaliativo.

Observou-se que fatores como ausência de cultura de avaliação, falta de conhecimento da importância do processo para a melhoria da qualidade do próprio ambiente, visão equivocada de que o processo avaliativo é inócuo e até mesmo ausência de sentimento de pertencimento institucional, podem ser motivos de suspeitas para a baixa participação.

No geral, observa-se que tornar a autoavaliação um processo que faça parte da vida universitária ainda é um grande desafio. Entretanto, para se ter mudanças sólidas e significativas, deve-se criar um ambiente em que os processos avaliativos estejam disseminados como práticas de melhoria contínua, cíclicos e renovadores. E que a comunidade universitária visualize no dia a dia suas demandas sendo atendidas. Assim, a cada ano haverá mais comprometimento com o processo avaliativo, pois todos estarão cientes que a autoavaliação tem como premissa levantar informações necessárias a melhoria da instituição, captando o sentimento dos diversos segmentos.

### 3.2 Sobre o formato do instrumento

Os questionários (instrumentos) aplicados em 2012 e 2013 não apresentaram mudanças significativas, no formato, no conteúdo, no quantitativo de questões e nos conjuntos de respostas, daí ter-se escolhido os anos de 2014 e 2015.

O texto inicial (apresentação do questionário) que foi apresentado a comunidade universitária no ato da autoavaliação foi praticamente o mesmo nos anos de 2014 e

2015. No entanto, em 2015 para cada segmento (discentes, docentes e técnicos) foi informado alguns dados estatísticos do ano anterior sobre o quantitativo de respostas, visando motivar e estimular o envolvimento individual com a autoavaliação.

Para o questionário de 2014 foi tomado como referência o instrumento de 2013, sendo que a CPA decidiu revisar e fazer alterações consideradas necessárias, afim de torná-lo mais claro aos respondentes, respeitando-se as dez dimensões determinadas pelo SINAES. Houve um maior detalhamento das questões, as opções de respostas ficaram mais organizadas, com opção de expressão (comentários) livre ao final do questionário. Em função disso, comparativamente ao de 2013, o número total de questões aumentou significativamente: para o segmento discente havia 59 questões passando a 67; para o docente havia 85 questões passando a 97; e para o técnico-administrativo em educação passou de 51 para 71 questões. A ideia foi tornar o questionário em 2014 mais completo e abrangente, além de mais sistematizado quando comparado ao de 2013. O mesmo se deu para o ano de 2015 em relação a 2014 (Quadro 1).

2014	2015
<p><b>1</b> - Na concretização da Missão da UFAM e do seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Avalie a contribuição da sua Unidade na operacionalização e acompanhamento desse Plano</p> <p>Ótimo</p> <p>Bom</p> <p>Regular</p> <p>Fraco</p> <p>Péssimo</p> <p>NA - Não se Aplica/Não sei Avaliar</p>	<p><b>6.</b> Você conhece o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFAM?</p> <p>( ) SIM      ( ) NÃO</p> <p>OBS. As questões 7 e 8 devem ser respondidas por aqueles que responderem “SIM” na questão 6.</p> <p><b>7.</b> Existe uma descrição clara dos objetivos e finalidades da UFAM?</p> <p>Totalmente</p> <p>Parcialmente</p> <p>Não</p> <p>Não sei responder</p> <p><b>8.</b> Existe coerência entre as ações praticadas pela UFAM e o proposto em sua missão.</p> <p>Totalmente</p> <p>Parcialmente</p> <p>Não</p> <p>Não sei responder</p> <p><b>9.</b> As ações praticadas pela UFAM favorecem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão?</p> <p>Totalmente</p> <p>Parcialmente</p> <p>Não</p> <p>Não sei responder</p>

Quadro 1. Exemplo da alteração no formulário de autoavaliação entre os questionários de 2014 e 2015 para a Dimensão 1 para o segmento docente.

Entretanto, as mudanças foram muito mais significativas, não só no quantitativo de questões (Quadro 2), mas no formato, no conteúdo e no conjunto de resposta que foi semelhante para todos os segmentos. Além de mais simples, objetivo, de melhor análise e de mais fácil resposta para o respondente. A CPA-UFAM percebe que agora o desafio é reduzir o número de questões para atender os apelos da comunidade universitária, que expressam que o questionário é cansativo e com muitos itens. Por outro lado, tal redução não pode deixar de captar a percepção e opinião geral em relação à UFAM que todos precisam ter sobre sua instituição, e nem os aspectos específicos de cada unidade acadêmica e setores, ou seja, os usuários avaliam aquilo que lhes toca diretamente e, em última instância, é o que faz sentido no seu fazer cotidiano.

DIMENSÃO	2014						2015							
	DSC		DOC		TAE		DPR		DPE		DOC		TAE	
	NQ	NR	NQ	NR	NQ	NR	NQ	NR	NQ	NR	NQ	NR	NQ	NR
1. Missão e perfil	3	2	1	1	1	1	4	2	7	2	4	2	4	2
2. Políticas institucionais e acadêmicas	14	8	8	1	5	1	15	3	17	3	18	3	18	3
3. Responsabilidade social da Instituição	0	0	0	0	2	1	4	2	1	1	5	2	5	2
4. Comunicação com a Sociedade	7	2	12	2	10	1	4	1	4	1	4	1	4	1
5. Políticas de pessoal	0	0	4	1	7	1	0	0	0	0	8	2	8	2
6. Organização e gestão	26	6	19	1	11	1	16	2	14	2	22	3	22	3
7. Infraestrutura	0	0	24	1	12	1	18	2	13	2	17	1	17	1
8. Avaliação institucional	5	4	8	4	7	4	5	2	5	2	5	2	5	2
9. Políticas estudantis	12	4	12	1	12	1	14	2	7	2	12	2	12	2
10. Sustentabilidade Financeira	0	0	9	2	4	2	0	0	0	0	5	2	5	2
Total	67	26	97	14	71	14	80	16	68	15	100	20	100	20

Quadro 2. Comparação quantitativa de questões e de tipo de respostas por dimensão e segmentos nos formulários de autoavaliação nos anos de 2014 e 2015.

Legenda: NQ - número de questões na dimensão. NR – número de conjunto de respostas na dimensão (significando um número de alternativas de respostas dada para uma questão). DSC – discentes presenciais (graduação ou pós-graduação) e de programas especiais. DPR - discente presencial (graduação e pós-graduação). DPE - discente de programas especiais (PARFOR, EaD e Indígena). DOC – docente. TAE - técnico administrativo em educação.

A cultura de avaliação sistemática na UFAM é um desafio um tanto quanto recente. Assim, implementar uma nova cultura avaliativa, que não seja aquela da punição ou discriminação ou da inocuidade, implica em tempo, em retorno da avaliação, divulgação das ações de melhorias oriundas da “escuta” dos vários segmentos. Em síntese, uma boa autoavaliação implica em bons instrumentos de tal sorte que os que os julgam possam fazê-lo com mais qualificação, com mais conhecimento de causa. A implementação de uma cultura de avaliação deve levar a mudanças essenciais e

necessárias.

Verifica-se ainda no Quadro 2 alguns pontos que merecem discussão. Em relação a dimensão 1, em 2014 não houve um equilíbrio no quantitativo de questões e do conjunto de alternativas de respostas para a questão entre os segmentos. Por exemplo, os discentes responderam para esta dimensão três questões, enquanto que os demais segmentos responderam apenas uma questão. Docentes e técnicos tiveram o mesmo conjunto de alternativas de respostas, enquanto os discentes dois conjuntos de alternativas de respostas. Observou-se que essa diferenciação nos questionários, adotada até então, levava a uma não uniformidade e dificuldade de relacionar as respostas entre os segmentos.

Assim, em 2015, para todos os segmentos adotou-se o padrão de quatro questões e de sete questões para discentes de programas especiais, pois havia neste caso a necessidade de aspectos mais específicos para os alunos. Mas, em todos os casos, houve o mesmo conjunto de alternativa de respostas para as questões: sim, não, totalmente, parcialmente e não sei responder. Com esta padronização as dificuldades de correlação, uniformidade e análise das respostas foram superadas, além de serem bem mais aceitas pela comunidade.

No ano de 2014, para a Dimensão 2, os discentes tinham catorze questões para responder com oito conjuntos de alternativas de respostas diferentes, o que não se observa para os demais segmentos, no qual havia oito questões para docentes e 5 para técnicos e apenas 1 conjunto de alternativa de respostas para ambos. Já em 2015 isso foi corrigido, havendo um equilíbrio entre os segmentos para a quantidade de questões e com o mesmo total de conjunto de alternativas de respostas para todos.

Quanto a dimensão 3, em 2014, discentes e docentes não avaliaram, tendo o mesmo segmento dos anos anteriores, mas em 2015 todos os segmentos passaram a avaliar esta dimensão. A dimensão 7, em 2014, não foi avaliada pelo discente, sendo que alguns aspectos desta dimensão estavam adicionados na dimensão 6, sendo corrigido em 2015.

De forma geral, as diferenças observadas nos questionários centraram-se em termos destes dois aspectos, número de questões ou número de conjunto de alternativas de respostas. O Quadro 3 dá um exemplo para este último caso. É importante ressaltar que uma análise com base nos resultados mostra quais aspectos são importantes de serem avaliados por cada segmento. Isto deve refletir o comprometimento e a responsabilidade para com a instituição.



<b>Número de conjunto de alternativas de respostas em 2014 (em 14 questões)</b>	
- É bem integrado. - É relativamente integrado. - É pouco integrado. - Não apresenta integração.	- Sim, todos - Sim, somente em parte. - Nenhum. - Não sei responder.
- Muito boa - Boa - Regular - Fraca - Não sei avaliar esse item	- Sim, regularmente, com programação diversificada. - Sim, regularmente, com programação pouco diversificada. - Sim, eventualmente, com programação diversificada. - Sim, eventualmente, com programação pouco diversificada. - Não oferece atividades complementares
- Sim, todos os aspectos. - Sim, a maior parte dos aspectos. - Somente alguns aspectos. - Nenhum dos aspectos. - Não sei responder. - Sim, em todas as disciplinas - Sim, na maior parte das disciplinas - Sim, somente em algumas disciplinas - Não, nenhuma	- Todos - Maior Parte - Não sei - Alguns - Nenhum - Não sei responder
<b>Número de conjunto de alternativas de respostas em 2015 (em 15 questões)</b>	
- Totalmente - Parcialmente - Não - Não sei responder	Excelente Suficiente Insuficiente Não sei responder

Quadro 3. Representação das diferenças entre os números de conjuntos de alternativas de respostas para os discentes na Dimensão 2, para os anos de 2014 e 2015.

### 3.3 Sobre o conteúdo das expressões livres

Nos anos de 2014 e 2015 havia espaço para expressão livre ao final de cada questionário. Foram observados elogios, críticas e sugestões acerca do questionário em si, sobre a UFAM, entre outros.

Os comentários livres de 2014, para fins de análise, foram sistematizados em quatro categorias. Assim, docentes produziram a) sobre a UFAM: elogios, críticas e sugestões; b) sobre o corpo docente: elogios e críticas; c) sobre a Avaliação: elogios, críticas e sugestões; d) sobre a Infraestrutura: elogio, críticas e sugestões. Os discentes produziram apenas uma categoria: sobre a UFAM: elogios, críticas e sugestões. Já os técnicos, produziram as seguintes categorias: a) sobre a UFAM: elogios, críticas e sugestões; b) sobre os Serviços prestados: elogio, críticas e sugestões; c) sobre a Avaliação: elogios, críticas e sugestões; e d) sobre a Infraestrutura: elogio, críticas e sugestões.

No Quadro 4 apresenta-se um quantitativo geral do número de comentários feitos pela comunidade universitária sobre o questionário de autoavaliação para os anos de 2014 e 2015. No geral, o número de comentários referente ao instrumento no ano de 2015 foi superior em relação a 2014, com destaque para o segmento docente, seguido pelo técnico administrativo em educação. Verifica-se que as duas categorias mais apontadas foram quanto a necessidade de se adequar o instrumento às realidades acadêmicas (20) e sobre questões dúbias e, portanto, a revisão de questões. Vale destacar que não houve comentários sobre os questionários pelos discentes no ano de 2014.

A análise das expressões livres é um importante fator de melhoria. Alguns pontos importantes puderam ser observados e servirão de base para mudanças posteriores, como, por exemplo, i) a necessidade de um questionário específico para alunos de pós-graduação, que contemple as especificidades inerentes a este segmento; ii) a identificação pelo respondente da unidade acadêmica que ele faz parte ou curso, no caso do aluno. Com isto, o respondente fará sua avaliação pensando no âmbito de sua unidade/curso, dando subsídios adequados para a direção, chefe ou coordenador de curso, realizar ações pontuais sobre problemas identificados e propor melhorias de forma geral; iii) a necessidade de redimensionamento do questionário, considerando que deve-se atender todas as dimensões do SINAES; iv) a necessidade de um campo para expressão livre para cada dimensão considerada no questionário e não somente ao final; v) a necessidade de avaliação pela comunidade externa; entre outras.

CATEGORIAS	2014			2015					TTL
	DPR	TAE	STL	DPR	DPE	DOC	TAE	STL	
1. Adequar o instrumento às realidades acadêmicas dos campi e unidades acadêmicas	3	1	4	4	0	2	10	16	20
2. Cansativo	1	0	1	1	0	3	0	4	5
3. Questionário claro e satisfatório/melhorou	0	1	1	0	2	3	3	8	9
4. Questionário próprio para Pós-Graduação	0	0	0	0	0	2	0	2	2
5. Questões dúbias/rever o instrumento e perguntas	2	1	3	2	0	8	2	12	15

6. Ter mais espaço para livre expressão em cada dimensão	2	0	2	2	1	4	0	7	9
TOTAL	8	3	11	9	3	22	15	49	60

Quadro 4. Conteúdo de expressões livres sobre o instrumento de autoavaliação de 2014 e 2015 pela comunidade universitária.

Legenda: DPR - discente presencial (graduação e pós-graduação). DPE - discente de programas especiais (PARFOR, EaD e Indígena). DOC – docente. TAE - técnico administrativo em educação. STL – subtotal. TTL – Total de 2014 e 2015.

Assim, os resultados das expressões livres apontam para a necessidade de constante mudança nos questionários de autoavaliação e ainda que um amplo retorno destes comentários deve ser considerado e difundido, não somente em relatório, mas por meio de uma divulgação que mostre os benefícios oriundos dos processos avaliativos e que, revestidos em benefícios diretos, afetem positivamente o cotidiano da comunidade universitária. Além disso, tais conteúdos são de extrema relevância para que todos os segmentos da UFAM assumam o compromisso com uma Universidade de qualidade, democrática, acessível, comprometida e atuante, e que dê conta de sua missão e das expectativas dos que nela adentram, permanecem e se formam.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação no processo de avaliação dos três segmentos foi observada ser diferente, apresentando índices de 9% para técnicos e discentes, e de 25% para discentes. A diferença observada pode estar relacionada, para os primeiros, principalmente à falta de percepção de melhorias advindas do processo avaliativo. Por outro lado, a necessidade de criar mecanismos em que o processo de avaliação interna tenha maior participação, além de mais significativo, passa pela presença de uma cultura de avaliação contínua, da disseminação dos resultados alcançados e da importância deste processo para a melhoria do ambiente universitário.

Por outro lado, observou-se que a melhoria na forma de apresentação do questionário de avaliação, tornando as questões mais claras e as opções de respostas mais objetivas, trouxe resultados significativamente melhores, em comparação a questionários anteriores e as respostas livres de todos os segmentos. Entretanto, quando se considerou o quantitativo de questões, observou-se que este ainda é um fator que deve ser trabalhado.

Por fim, observou-se ainda que a comunidade universitária usou mais efetivamente o campo destinado às expressões livres no final do questionário, que levou a concluirmos que há necessidade de abrir campos de expressões livres para cada dimensão avaliada, com o intuito de tornar o processo mais significativo, pois considera-se que as expressões livres se constituem num importante fator de

melhorias em pontos específicos.

## REFERÊNCIAS

Belloni, I. (2000) **A função Social da Avaliação Institucional**. In: SOBRINHO, J.D; RISTOFF, D. (orgs). Universidade Desconstruída: avaliação institucional e resistência. Florianópolis: Insular, 2000.

Brasil. (2004a) Lei no 10.861, de 14 de abril de 2004. **Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES**. Diário Oficial da União, Brasília, 15 abr. 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>.

Cabral, M. I. C. e Araújo, N.P.F.M. (2015) **Um Instrumento de Autoavaliação da Dimensão Sustentabilidade em Instituições de Ensino Superior. Simpósio Avaliação da Educação Superior 2015**, 17 a 18/09/2015, UFRGS.

CPA-UFAM. **Relatório de Autoavaliação 2014**. Manaus, AM, UFAM, 2015.

CPA-UFAM. **Relatório de Autoavaliação 2015**. Manaus, AM, UFAM, 2016.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) [on line]. (2016) Disponível em: <http://www.inep.gov.br>, acesso em 05/05/2016.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alfabetização 5, 1, 10, 242, 276

Altas habilidades 190

Aprendizagem 5, 6, 7, 3, 8, 72, 117, 118, 141, 143, 144, 145, 146, 152, 162, 172, 203, 210, 330, 348, 381, 383

Autismo 1, 2, 3, 8, 278

Avaliação educacional 172

Avaliações em larga escala 162

### C

Concepções 6, 7, 175

Conselhos municipais de educação 200

Criatividade 7, 183, 185, 189, 190

### E

Educação 2, 5, 6, 7, 8, 9, 6, 9, 10, 11, 12, 19, 20, 22, 23, 30, 31, 37, 38, 41, 51, 61, 62, 72, 78, 80, 88, 89, 99, 102, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 145, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 189, 191, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 221, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 232, 235, 239, 241, 242, 245, 247, 249, 250, 251, 255, 257, 259, 260, 261, 262, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 282, 283, 284, 288, 289, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 303, 305, 306, 307, 309, 310, 311, 316, 317, 319, 320, 321, 323, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 358, 359, 363, 366, 368, 369, 370, 371, 374, 381, 383, 389, 390, 391, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415

Educação à distância 72

Educação básica 307, 349

Educação especial 176, 182, 273

Educação física 352, 353

Educação infantil 215, 413

Engenharias 21, 23, 26, 27, 28, 29

Ensino 5, 6, 7, 9, 1, 5, 23, 30, 42, 51, 62, 72, 76, 88, 89, 99, 103, 104, 105, 107, 108, 117, 118, 122, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 137, 138, 141, 157, 166, 193, 203, 207, 210, 212, 214, 215, 239, 243, 245, 249, 251, 284, 288, 316, 328, 344, 371, 382, 391, 395, 396, 403, 407

Escola 7, 4, 54, 109, 123, 124, 125, 134, 172, 182, 212, 213, 226, 227, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 259, 261, 282, 296, 297, 306, 307, 311, 316, 319, 321, 322, 403, 415

Escrita pré-silábica 18

Estudantes 6, 89, 111, 141, 142, 162, 245



Etnografia 62

Evasão 5, 23, 25, 26, 27, 30, 31

## **F**

Formação de professores 62

Francês 5, 42, 43, 52

## **I**

IDEB 6, 12, 130, 131, 132, 135, 137, 138

Inclusão 8, 31, 175, 182, 271, 272, 275, 276, 281, 282, 396, 415

## **O**

Observação 154

Oportunidade de aprendizagem

Oralidade 32

## **P**

Pesquisa 2, 5, 8, 9, 20, 31, 32, 41, 61, 62, 80, 87, 118, 139, 166, 168, 169, 182, 201, 210, 267, 269, 270, 283, 331, 354, 363, 376, 381, 383, 413, 414, 415

Pesquisa qualitativa 62, 413

PISA 2012 6, 12, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 153

Práticas pedagógicas 54, 117

Psicogênese da língua escrita 20, 161

## **R**

Reflexividade 6, 80

## **S**

SINAES 88, 89, 91, 93, 97, 99

Superdotação 7, 183, 190, 398

Surdez 54, 398

## **U**

UFAM 6, 11, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 99

Universidade 5, 6, 9, 30, 31, 32, 41, 42, 43, 46, 52, 54, 61, 62, 63, 71, 72, 78, 80, 88, 89, 98, 99, 100, 102, 108, 117, 118, 129, 134, 154, 161, 174, 176, 182, 183, 191, 201, 203, 210, 211, 222, 224, 225, 241, 250, 262, 263, 269, 271, 281, 282, 283, 309, 311, 321, 326, 331, 333, 342, 353, 363, 371, 372, 381, 382, 383, 384, 389, 390, 408, 414, 415

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-592-1

